

**RESPONSABILIDADE DO REINO
INAUGURADO: UMA ABORDAGEM
ESCATOLÓGICA EM N. T. WRIGHT**

*Responsibility of the Inaugurated Kingdom: An
Eschatological Approach in N. T. Wright*

Antônio José Corguinha Gripp

Mestrando em Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Especialista em Teologia pelo Centro Universitário Celso Lisboa. Possui Licenciatura em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), e Bacharelado em Teologia pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro. E-mail: tomzegripp@gmail.com.

João Ricardo Boechat Pires de Almeida Sales

Doutor em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense (2022), com período sanduíche de 2 anos na Humboldt University zu Berlin, Alemanha (2019-2022), ligado ao programa de Religion-Wissen-Diskurse. Mestre em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense (2017). Especialista em Ciência da Religião pelo Instituto ProMinas (2016). Possui graduação em Relações Internacionais pela Universidade Candido Mendes (2014) e graduação em Teologia pela Faculdade Teológica Sul Americana (2014).

Como citar este artigo: GRIPP, Antônio José Corguinha; BOECHAT, João Ricardo. Responsabilidade do reino inaugurado: uma abordagem escatológica em N. T. Wright. Revista Brasileira de Teologia. ISSN 1807-7056 | Nº 14 | JUN/DEZ. DE 2025.

RESUMO

Responsabilidade do Reino Inaugurado propõe uma reflexão teológica sobre os aspectos que compõem o ministério desenvolvido por Jesus, em diálogo com uma leitura escatológica inspirada no pensamento de N. T. Wright. O propósito é realizar uma provocação, demonstrando que o Reino não constitui uma realidade meramente futura, mas uma presença ativa e transformadora que irrompe na história e convoca a Igreja a um compromisso ético, missionário e social. A pesquisa parte da análise dos “gritos da contemporaneidade”, para propor uma escatologia que una esperança e responsabilidade. Em contraste com perspectivas dualistas que separam corpo e espírito, ou céu e terra, temos em Wright uma teologia da nova criação, na qual se percebe a ressurreição de Cristo como a inauguração de um novo modo de viver e agir no mundo. Conclui-se que uma escatologia comprometida com o Reino de Deus implica uma fé encarnada, que transforma a espera em ação e o futuro prometido em horizonte ético de transformação do presente.

Palavras-chave: Reino; Escatologia; Esperança; Responsabilidade; Ética.

ABSTRACT

Responsibility of the Inaugurated Kingdom proposes a theological reflection on the key aspects that constitute the ministry of Jesus, in dialogue with an eschatological reading inspired by the thought of N. T. Wright. The purpose is to demonstrate provocatively that the Kingdom is not a merely future reality, but an active and transformative presence that breaks into history and calls the Church to an ethical, missional, and social commitment. The research begins with an analysis of the “cries of contemporaneity,” in order to propose an eschatology that unites hope and responsibility. In contrast to dualistic perspectives that separate body and spirit, or heaven and earth, Wright presents a theology of new creation, in which the resurrection of Christ is understood as the inauguration of a new way of living and acting in the world. It concludes that an eschatology committed to the Kingdom of God implies an incarnational faith that transforms waiting into action and the promised future into an ethical horizon for the transformation of the present.

Keywords: Kingdom; Eschatology; Hope; Responsibility; Ethics.

INTRODUÇÃO

A experiência contemporânea tem revelado uma crescente crise ética, social e ecológica, cuja complexidade desafia não apenas os sistemas políticos e econômicos, mas também as tradições religiosas e suas expressões teológicas. Diante de um cenário marcado pela desigualdade, pelo machismo, pelo racismo e pela degradação ambiental, torna-se urgente repensar o papel da fé cristã e da Igreja como agentes de transformação. Essa urgência convida à revisitação de fundamentos teológicos. Em especial, serão tratados os da escatologia, frequentemente reduzida a uma expectativa passiva do futuro e desvinculada das dores e responsabilidades do presente.

Nesse horizonte, a reflexão escatológica proposta por N. T. Wright oferece uma importante reinterpretação do Reino de Deus inaugurado em Jesus de Nazaré. Sua perspectiva resgata o caráter histórico e encarnado da esperança cristã, compreendendo o Reino não como realidade meramente futura, mas como presença ativa que transforma o mundo e convoca a Igreja à responsabilidade ética e missionária. Em Cristo, o futuro de Deus irrompe na história, inaugurando uma nova criação que redefine o modo como o ser humano se relaciona com Deus, com o próximo e com a criação.

A proposta deste artigo é, portanto, refletir sobre a responsabilidade do Reino inaugurado a partir de uma leitura escatológica comprometida com o presente. A partir das contribuições de N. T. Wright e em diálogo com outras vozes teológicas, busca-se compreender como a esperança cristã pode se tornar força performativa de transformação e sinal concreto da nova criação. Assim, mais do que uma doutrina sobre o “fim”, a escatologia se revela como horizonte de sentido e missão, convocando a Igreja a viver o Reino já presente, em meio aos clamores e contradições da contemporaneidade.

1. OS GRITOS DA CONTEMPORANEIDADE

A sociedade contemporânea constituída revela dinâmicas sociais que perpetuam crises humanitárias de diferentes formas e escalas. Na sociedade contemporânea destacam-se questões como a desigualdade, o machismo, a misoginia e o racismo, estruturas perpetuadas ao longo da história por diferentes fatores. Elizabeth A. Johnson, em sua análise social, por exemplo, revela que a persistência da pobreza é um flagelo que

assola milhões de vidas, privando-as das condições mais básicas para uma existência digna. Nesse contexto, a pobreza na América Latina não é entendida como um resultado do acaso, preguiça ou vício, mas sim de decisões históricas tomadas pelas potências européias conquistadoras no século XVI.¹ E ainda sob a sensibilidade de Johnson, é destacada a luta das mulheres contra séculos de discriminação de gênero. A expressão “segundo sexo” de Simone de Beauvoir ilustra a condição inferior imposta às mulheres, intensificada pelos preconceitos relacionados à raça e à classe. Mulheres, especialmente negras e pobres, foram relegadas ao degrau mais baixo da escala social. A busca pela igual dignidade humana exige o reconhecimento da imagem e semelhança de Deus em todas as mulheres, desafiando estruturas que perpetuam a subjugação de gênero². Segundo Johnson, na igreja cristã este quadro não é muito diferente, pelo contrário, também há a subjugação de gênero e sua perpetuação.

Na Igreja dá-se uma situação semelhante. Um hino cristão primitivo diz que as águas batismais introduzem em uma comunidade de irmãos e irmãs unidos pelo amor mútuo: “Já não há judeu nem grego; nem escravo nem livre; nem homem nem mulher, pois todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl 3,28). Apesar dessa teologia que tem suas raízes no ministério de Jesus e na presença contínua do Espírito, e apesar da insubstituível participação das mulheres na fundação e na expansão da Igreja, as mulheres foram marginalizadas quando a comunidade ficou suficientemente estabelecida. Excluídas de seu governo, durante séculos as mulheres não tiveram voz na elaboração da doutrina, no ensino moral nem na lei da Igreja. Proibidas do púlpito e do altar, não se permitiu que seu saber interpretasse a palavra do Evangelho nem que sua espiritualidade guiasse a Igreja reunida em oração.³

Na mesma direção, ainda cabe sublinhar que a contemporaneidade traz consigo a persistência do racismo, entrelaçado com o colonialismo, imperialismo e capitalismo, herdados do passado. O cristianismo ocidental e sua teologia, mesmo após supostamente separar a Igreja do Estado, continuam a sustentar ideologicamente o poder global. Nesse cenário, a Teologia Negra surge como um incômodo, desafiando a sociedade a reconhecer os legados nocivos da escravidão e colonização. O racismo enraizado é confrontado para

¹ JOHNSON, Elizabeth. **El Dios Libertador: La búsqueda del Dios vivo: trazar las fronteras de la teología de Dios**. Sal Terrae, 2007. p.99 e 100.

² JOHNSON, Elizabeth. **El Dios Libertador: La búsqueda del Dios vivo: trazar las fronteras de la teología de Dios**. Sal Terrae, 2007. p.123.

³ JOHNSON, Elizabeth. **El Dios Libertador: La búsqueda del Dios vivo: trazar las fronteras de la teología de Dios**. Sal Terrae, 2007. p.125.

romper com a inércia e cegueira que perpetuam a marginalização e desigualdade, inspirando uma reflexão profunda sobre o verdadeiro ensinamento cristão⁴.

Outro desafio para a contemporaneidade tem sido os desdobramentos de séculos de exploração desenfreada dos recursos naturais. A ecologia tem se debruçado nas consequências de uma visão histórica que entendia o planeta Terra como fonte natural inesgotável. Durante a Revolução Industrial e o auge do colonialismo, a exploração dos recursos naturais foi amplamente vista como um meio de promover o desenvolvimento econômico e social. Acreditava-se que a natureza, com sua abundância aparentemente infinita, poderia suportar indefinidamente as demandas crescentes da humanidade. No entanto, essa visão se provou equivocada e potencialmente catastrófica à medida que avançamos para o século XXI.

Nos dias atuais, estamos testemunhando os limites dessa percepção errônea. O uso insustentável dos recursos naturais tem levado a uma série de crises ambientais e econômicas. Florestas inteiras foram derrubadas, oceanos estão sendo esgotados de vida marinha, e minerais essenciais estão se tornando cada vez mais difíceis de encontrar. Esse esgotamento acelerado dos recursos naturais não apenas ameaça a biodiversidade do planeta, mas também coloca em risco a estabilidade econômica e social global.

[...] a questão ambiental finalmente pôde tornar-se, institucionalmente, um problema de primeira grandeza mundial, a partir da segunda metade da década de 1990. O lançamento da Agenda 21 e a criação pela ONU com recursos do Banco Mundial do *Global Environmental Facility*, um instrumento para a gestão das políticas ambientais em nível mundial, permitiram a definição de marcos regulatórios que foram negociados através de organizações intergovernamentais e dos estados nacionais. Os problemas da poluição da biosfera, do efeito estufa, do desmatamento, do aquecimento global, tornaram-se as pautas centrais das reuniões de todas as organizações, envolvidas com a governança global, e motivaram a realização de conferências mundiais específicas sobre esses temas como aquelas mais conhecidas sobre o debate do aquecimento global em Kyoto, em 1997, e mais recentemente em Copenhagen, no ano de 2007.⁵

Diante desse panorama, observa-se que os desafios da sociedade contemporânea - como desigualdade, machismo, racismo e degradação ambiental - estão relacionados a

⁴ PACHECO, Ronilso. **Teologia Negra: O Sopro Antirracista do Espírito**. Brasília – DF: Novos Diálogos; São Paulo – SP: Editora Recriar, 2019. p.51-54.

⁵ ROMANI, Carlo. A Questão Ambiental no Planeta. In: Romani, Carlo; Sciarretta. **História Contemporânea II**. v. 2. Rio de Janeiro RJ: Fundação CECIERJ, 2013. Disponível em: <https://canal.cecierj.edu.br/012016/ba89c3a6133187ee0e9b8edd3b43fcf.pdf>. Acesso em: 25 de Junho de 2024. p.118 e 119.

processos históricos que moldaram estruturas sociais, econômicas e culturais ao longo do tempo. Esses elementos, por vezes vinculados a tradições religiosas e práticas institucionais, continuam a influenciar dinâmicas atuais, exigindo análises que considerem suas origens e impactos para compreender os cenários presentes e suas implicações globais.

2. O REINO COMPROMETIDO

Diante desses gritos presentes na sociedade, a presente reflexão conduzir-se-á pelas percepções do Reino inaugurado, sob a convicção daquilo que já aconteceu, conforme testemunhado pelas comunidades do Novo Testamento da Bíblia cristã. Em que uma nova criação é apreciada e sustentada por uma posição hermenêutica pós-ressurreição.

Desse modo, no que diz respeito aos escritores dos Evangelhos, YHWH voltou ao seu povo. A história do retorno do Deus de Israel assumiu a forma da carreira messiânica e da morte de Jesus de Nazaré. Até onde sabemos, os contemporâneos de Jesus não pensavam que um futuro “Messias” (caso uma figura assim se parecesse com ele) seria a personificação pessoal de Deus. No entanto, os evangelistas contaram a história de Cristo como um potencial pretendente messiânico, em cujas ações e em cujo destino final eles discerniram, em retrospecto, a presença do Deus de Israel.⁶

Os autores e autoras do Novo Testamento escreveram a partir da convicção de que, em Jesus de Nazaré, o Reino de Deus havia sido inaugurado de forma decisiva. Essa compreensão não surgiu de uma expectativa meramente humana, mas de uma releitura teológica da história de Israel à luz dos eventos da vida, morte e ressurreição de Cristo. Para os evangelistas, a narrativa de Jesus não representava apenas a missão de um profeta ou de um pretendente messiânico, mas a própria manifestação do Deus de Israel retornando ao seu povo. Assim, o que outrora fora anunciado pelos profetas - a vinda do Reino e o restabelecimento da aliança - se concretizava, de maneira inédita, na pessoa e na obra de Jesus.

Essa convicção se expressa na forma como os evangelistas reinterpretaram as expectativas messiânicas do judaísmo do Segundo Templo. Ao contrário da expectativa popular de um Messias político e triunfante, que libertaria Israel de seus opressores, os

⁶ WRIGHT, N. T. **História e Escatologia: Jesus e a Promessa da Teologia Natural**. 1ª Ed. Rio de Janeiro – RJ: Thomas Nelson Brasil, 2021. p. 229.

autores neotestamentários viram na carreira messiânica e na morte de Jesus a revelação paradoxal do agir divino - carreira messiânica e morte de Jesus. Em outras palavras, a presença de Deus não se manifestou através de poder militar ou dominação, mas no amor redentor, no serviço e na entrega do Filho. A cruz, portanto, não foi um obstáculo à compreensão do Reino, mas o meio pelo qual seu verdadeiro caráter foi revelado.

Ao mesmo tempo, a reflexão teológica dos primeiros cristãos desenvolveu-se dentro da tensão entre o “já” e o “ainda não”. Os evangelistas reconheciam que viviam em um tempo de cumprimento parcial das promessas, no qual a realidade do Reino já se fazia presente, mas ainda aguardava sua consumação plena. A cruz, como expressão do sofrimento e da aparente derrota, simbolizava o “ainda não”; todavia, esse evento foi reinterpretado a partir da ressurreição e da ascensão de Cristo, que revelaram seu significado último. A “[...] cruz - com seu significado revelado e esclarecido na ressurreição, ascensão e reflexão bíblica guiada pelo Espírito - era um elemento vital dentro do “já” que estavam celebrando.”⁷ Dessa forma, a comunidade cristã passou a compreender a história de Jesus como o ponto de inflexão escatológico, no qual o futuro de Deus irrompeu no presente.

Essa hermenêutica da presença divina inaugurada em Cristo produziu uma nova leitura da história e da esperança. O Reino não se limitava a uma expectativa futura de intervenção divina, mas tornava-se uma realidade dinâmica que transformava o presente. Jürgen Moltmann em sua obra *Teologia da Esperança*⁸ destacou que a esperança cristã não se orienta por uma fuga do mundo, mas pela transformação da realidade à luz da ressurreição. O “já” do Reino, portanto, torna-se força ativa na história, convocando a comunidade de fé a viver segundo os valores do reinado divino que já se faz presente. Dado isso, o Novo Testamento reconhece em Cristo o cumprimento das promessas e o início da nova criação. O “já” celebrado pelos evangelistas não anulava o “ainda não”, mas o colocava em perspectiva: o tempo da Igreja, guiada pelo Espírito, é o espaço histórico onde o Reino já atua, embora ainda se espere sua plenitude.

Neste sentido, a teologia do Reino nos evangelhos é, ao mesmo tempo, escatológica e histórica, transcendendo a dicotomia entre o futuro e o presente. A presença do Reino em Jesus é o sinal de que o Deus de Israel cumpriu sua promessa e retomou a condução

⁷ WRIGHT, N. T. **História e Escatologia: Jesus e a Promessa da Teologia Natural**. 1ª Ed. Rio de Janeiro – RJ: Thomas Nelson Brasil, 2021. p. 233.

⁸ MOLTSMANN, Jürgen. **Teologia da Esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã**. 3ª Ed. São Paulo: Editora Teológica; Edições Loyola, 2005.

da história, inaugurando um novo tempo de reconciliação e restauração. A missão de Jesus, assim, é interpretada como o evento em que o eterno se fez presente na história e em que o messianismo ganhou uma nova definição: o reinado de Deus que se manifesta em amor, justiça e serviço, e que continua a expandir-se através da comunidade guiada pelo Espírito. Isso pode ser compreendido como uma convocação da igreja para uma atitude mais efetiva, em consonância com o Reino, em um movimento para fora. Uma Igreja em saída, assim como a própria teologia, para acessar as periferias existenciais e sociais.

Ir ao encontro destas periferias exige saber, primeiramente, quais são e onde estão estas periferias. É necessário ouvir as suas vozes, os seus gritos e lamentos, os espaços de esperança e de desesperança, de luta e de resistência, de humanidade e de ausência de vida e direitos. Aí sim a teologia se fará responsável e a esperança que tratamos será consequente.⁹

Nessa perspectiva, destaca-se a sugestão de Andrés Torres Queiruga de uma mudança radical de perspectiva, através de uma reconfiguração das bases fundamentais da teologia, incluindo a reavaliação de todos os grandes problemas teológicos à luz desse deslocamento. Queiruga ressalta a necessidade de uma revisão fundamental na forma como concebemos a relação entre Deus e nós, considerando-a o “ponto central” de sua proposta, propõe uma “inversão radical” na ordem da experiência e da conceituação. Também enfatiza a importância de dar uma atenção significativa à primazia absoluta de um Deus criador que nos ama, e que tem as suas preocupações com os desafios propostos pela nossa contemporaneidade.

Compreende-se que constituiria uma enorme cegueira histórica escudar-se nos defeitos reais ou nos possíveis abusos para evitar a confrontação da fé com a nova situação. E o que é pior: isso acabaria convertendo-se em uma armadilha suicida, que mumificaria a vivência da fé e tornaria inverossímil sua compreensão. Um mínimo de sentido histórico mostra que não existe outra possibilidade de sermos verdadeiramente críticos com o processo da Modernidade a não ser reconhecendo a realidade de seu desafio, procurando aproveitar suas possibilidades e evitar seus perigos.¹⁰

⁹ KUZMA, Cesar Augusto. **Esperança e Performatividade: Implicações Ético-Teológicas da Escatologia**. Material Didático da Disciplina Questões Especiais Escatologia (TEO 2251). Programa de Pós-graduação em Teologia (PPG/Teo) - PUC-Rio. Rio de Janeiro – RJ, 2023. p.01.

¹⁰ QUEIRUGA, Andrés Torres. **Fim do Cristianismo Pré-moderno: Desafios para um Novo Horizonte**. São Paulo – SP: Paulus, 2003. p.22.

Esforços nessa direção foram realizados pela Igreja cristã em todo o mundo, como pode ser visto no Concílio Católico Vaticano II, que sob o “decreto de *Ad gentes* expunha em seis capítulos, critérios para uma radical renovação do espírito e da ação missionária da Igreja inteira.”¹¹ E, também, no Pacto de Lausane, reconhecendo que:

[...] os cristãos devem compartilhar a preocupação de Deus “pela justiça e pela reconciliação em toda a sociedade humana e pela liberação dos homens de todo tipo de opressão”; que “a evangelização e ação social e política são parte de nosso dever cristão”, e que “a mensagem de salvação encerra também a mensagem de juízo de toda forma de alienação, opressão e discriminação” (parágrafo 5). Este reconhecimento foi golpe certeiro em todas as tentativas de reduzir a missão da igreja à multiplicação de cristãos e de igrejas por meio da evangelização.¹²

No entanto, esses movimentos não foram suficientes para o desenvolvimento de uma Igreja, de fato, comprometida com as demandas sociais, com as dores e os sofrimentos, com uma proposta de esperança segundo o Evangelho. Portanto, parece ser preciso mais que uma direção missional, a Igreja precisa de uma revisitação em outros aspectos teológicos que atravessam o imaginário religioso, e que, de alguma forma, servem mais como resistência na direção das necessidades, do que um estímulo, ou um alinhamento à tarefa missional.

O Reino inaugurado não pode se reduzir a uma realidade meramente futura, desligada da história e das dores do presente, mas uma presença ativa, transformadora, e comprometida com o mundo. Essa concepção, fortemente presente nas obras de N. T. Wright, entende que o Reino chegou em Jesus de Nazaré e continua atuando através de sua Igreja, como sinal e instrumento da nova criação. Nesse sentido, ele não apenas inaugura um tempo escatológico, mas também convoca uma ética e uma esperança que se encarnam em ações concretas diante das demandas da atualidade.

3. NO CASO DA ESCATOLOGIA

Para uma escatologia comprometida com o Reino de Deus será preciso considerar um deslocamento que não se restrinja a uma expectativa passiva do futuro ou à mera

¹¹ ALBERIGO, Giuseppe (Org.). **História dos Concílios Ecumênicos**. 1ª Ed. 6ª Re. São Paulo – SP: Paulus, 2020. p.439.

¹² PADILHA, C. René. **Missão Integral: O Reino de Deus e a Igreja**. Viçosa – MG: Editora Ultimato, 2014. p.20.

espera pela consumação final. Pelo contrário, trata-se de uma esperança ativa, criadora e transformadora, que ilumina o presente antecipando o futuro esperado ou desejado. Uma perspectiva que supere uma visão de fé que se limita ao “aguardar” e propõe uma vivência marcada pela antecipação do Reino, em que cada ação humana se torna expressão concreta da nova criação inaugurada em Cristo. Viver na expectativa da *parusia*, portanto, significa viver na colaboração com o Reino de Deus aqui e agora. É assumir uma postura ética e espiritual que busca manifestar no presente os sinais da justiça, da paz e da reconciliação que definem o Reino inaugurado. Essa escatologia não está alheia ao mundo, mas inserida nele como agente de transformação, impulsionada pela confiança no poder renovador de Deus.

Vida na expectativa da *parusia* transcende em muito o simples aguardar, precaver-se e permanecer firme na fé, levando à iniciativa ativa. É uma *vida na antecipação* do vindouro, em “expectativa criadora”. Homens não vivem apenas de tradições, mas também de antecipações. Em temores e esperanças antecipam seu futuro ainda desconhecido e orientam suas vidas de acordo com ele e adaptam a ele sua vida. A expectativa do futuro de Cristo coloca o presente na luz do Vindouro e torna a vida corporal experimental no poder da ressurreição.¹³

Essa expectativa criadora revela a dinâmica de uma fé que, mesmo consciente da incompletude do presente, antecipa o futuro de Cristo por meio de gestos concretos de amor e compromisso com a vida. Trata-se de uma espiritualidade que vê na esperança escatológica não um refúgio, mas uma força mobilizadora. Assim, a escatologia deixa de ser apenas uma doutrina sobre o fim dos tempos e se torna um convite à práxis, uma forma de vida que reflete, ainda que parcialmente, a plenitude do Reino que Cristo consumará em seu dia.

Desse modo, uma escatologia comprometida com o Reino de Deus é profundamente ética, comunitária e missionária. Ela orienta a Igreja a viver de cabeça erguida e de porte ereto, não por orgulho, mas por confiança na ação de Deus que renova todas as coisas. Nessa vivência, o futuro deixa de ser apenas uma promessa distante e se torna uma realidade que começa a ser vislumbrada no presente, através de cada gesto de fé que antecipa a nova criação.¹⁴

¹³ MOLTSMANN, Jürgen. **O Caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas**. São Paulo: Editora Academia Cristã; Edições Loyola, 2014. p. 499.

¹⁴ MOLTSMANN, Jürgen. **O Caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas**. São Paulo: Editora Academia Cristã; Edições Loyola, 2014. p. 499 e 500.

Essa perspectiva escatológica contrapõe o caso de uma Escatologia que, desenvolvida por uma mentalidade platônica dualística, supervaloriza a alma, o espírito, em detrimento do corpo e da carne. Dessa escatologia, a expectativa em preservar a alma até a *parusia* de Cristo revela uma falta de compromisso com o corpo, consequentemente, com os dilemas que o assolam e afetam. Pois nessa perspectiva o corpo de pouco importa, comprometendo a vida presente. Portanto, torna-se emergente uma escatologia que supere essa perspectiva herdada de uma linha teológica específica, e que, segundo N. T. Wright, seja mais comprometida com uma teologia bíblica, mais precisa e adequada à fé cristã.

Wright propõe uma compreensão de escatologia profundamente integrada à história, à criação e à missão do Reino de Deus no mundo. Em sua leitura¹⁵, a escatologia não se reduz a uma doutrina sobre “as últimas coisas” - morte, juízo, céu e inferno -, nem se restringe a um evento futuro desconectado da realidade presente. Ao contrário, entende a escatologia como a realização inaugurada da esperança judaico-cristã, já manifesta na morte e ressurreição de Jesus, que deu início à nova criação e ao processo de restauração de todas as coisas.

Para ele, o pensamento escatológico do Novo Testamento deve ser lido à luz da tradição judaica das “duas eras”: a era atual e a era por vir. Contudo, ele ressalta que, em Jesus, essa “era por vir” já foi inaugurada dentro da história - o “já” e o “ainda não” -, o que deverá conferir à fé cristã um caráter profundamente ativo e transformador. Assim, a esperança escatológica não é uma fuga para um céu além do espaço-tempo, mas a antecipação e participação na renovação da criação de Deus, marcada por sinais concretos de justiça, paz e misericórdia.

Essa leitura rompe com a tendência moderna de reduzir a escatologia a um horizonte puramente espiritual ou individual. Para Wright, o Reino de Deus é uma realidade pública, política e social, uma nova ordem que toca as estruturas do mundo e redefine o modo de viver da comunidade cristã. O futuro de Deus, portanto, não é um ideal distante, mas uma promessa que já começou a se concretizar, convocando os discípulos de Cristo a colaborarem com o propósito divino de reconciliação e restauração do cosmos.

Finalmente, chegamos a um sétimo significado: A versão cristã primitiva dessa esperança judaica, explícita nos Evangelhos e em Paulo, alegando que a “era

¹⁵ WRIGHT, N. T. **História e Escatologia: Jesus e a Promessa da Teologia Natural**. 1ª Ed. Rio de Janeiro – RJ: Thomas Nelson Brasil, 2021. p. 209 – 212.

por vir” já *havia sido inaugurada* pela morte de Jesus e por sua ressurreição. Ele conquistou a vitória sobre os poderes das trevas, lidou com o pecado e trouxe a nova criação. Antecipações dessa visão já são encontradas em Qumran e em alguns outros textos judaicos pré-cristãos que acreditavam que *já* se haviam passado eventos que deveriam ser entendidos como amostras genuínas do último dia. Esse ponto de vista contém a promessa de que todas as coisas serão corrigidas no final, como em Romanos 8, 1Coríntios 15 ou Apocalipse 21 e 22. Isso inclui o que os modernos consideram efeitos “sociais” ou “políticos”. As promessas do Salmo 72 não são simples metáforas para a espiritualidade ou sinais distantes para um “céu” além do espaço-tempo. São indicadores concretos das verdadeiras justiça e misericórdia.¹⁶

Ao recuperar essa dimensão histórica e encarnada da escatologia, N. T. Wright convida a Igreja a viver em coerência com a realidade do Reino já inaugurado, orientando sua prática ética, missionária e social a partir da esperança de que Deus, em Cristo, está fazendo novas todas as coisas. Essa perspectiva não anula o caráter futuro da promessa, mas o enraíza no presente, transformando a fé em esperança atuante - uma expectativa criadora que reflete, no tempo, a glória do futuro que Deus consumará em plenitude

A proposta da presente reflexão é reforçar uma escatologia bíblica centrada na ressurreição e na restauração da criação. A esperança cristã não se apoia na destruição do mundo, mas na sua renovação, uma nova criação que já foi inaugurada na ressurreição de Jesus e que continua a se expandir por meio da ação do Espírito e da missão da Igreja.

Reflexões como essas são importantes para provocar um movimento de reformulação de teologias, que se mostram fechadas em seus equívocos, e permeiam o imaginário religioso, afetando assim, a prática da Igreja. No que diz respeito à escatologia, é preciso um enfrentamento de uma perspectiva hegemônica que revela mais suas preocupações “em uma tela histórica fictícia, de decepções ou desaprovações da ideia moderna de “progresso”, expressas de diversas maneiras por escritores de Kierkegaard a Nietzsche, de Barth a Walter Benjamin e tantos outros.”¹⁷ E, concomitantemente a isso, promover uma visão escatológica que não fira o amor de Deus por sua criação, de forma integral, sem separação entre céu e a terra, mas um amor encarnado, incorporado à vida.

O amor, como *epistemologia teológica*, encontra-se atraído para explorar o israelita antigo e, então, o Segundo Templo judaico, a cosmologia templária e a escatologia sabática, concentrando ambos no verdadeiro portador da imagem, descobrindo por meio deles uma visão de mundo em que não somente a ressurreição de Jesus em si, mas também por meio dela, reafirma a

¹⁶ WRIGHT, N. T. **História e Escatologia: Jesus e a Promessa da Teologia Natural**. 1ª Ed. Rio de Janeiro – RJ: Thomas Nelson Brasil, 2021. p.212

¹⁷ WRIGHT, N. T. **História e Escatologia: Jesus e a Promessa da Teologia Natural**. 1ª Ed. Rio de Janeiro – RJ: Thomas Nelson Brasil, 2021. p.240.

generosidade da criação, dando-lhe (por assim dizer) um sentido que continua vivo. O amor e o conhecimento são, assim, renovados, de maneira que, respondendo ao amor criador revelado na ressurreição, uma nova forma de saber nasce para saudar a realidade atual, para a qual o Templo e o Sábado sempre apontaram. O amor, como *epistemologia vocacional*, descobre – como Pedro – uma nova vocação para cuidar do rebanho, apascentar as ovelhas, ser para o mundo o que Jesus foi para Israel. “Da mesma forma que o pai me enviou, eu os envio” (João 20:21). A comissão do amor, incluindo a tarefa de espalhar a verdade da nova criação e de celebrar seus prenúncios na criação original, iluminará cada vislumbre anterior da realidade.¹⁸

No caso de uma escatologia comprometida com o Reino de Deus será preciso a constatação de que a esperança cristã não pode permanecer confinada a um horizonte distante e puramente espiritual. Em diálogo com a proposta de N. T. Wright, compreende-se que a escatologia bíblica, enraizada na ressurreição de Jesus, inaugura uma nova criação que irrompe dentro da história, convocando a Igreja a viver como sinal e instrumento dessa renovação. Assim, a esperança escatológica não se configura como fuga da realidade, mas como engajamento ativo com o mundo, na certeza de que Deus já começou a restaurar todas as coisas em Cristo.

Essa perspectiva transforma a fé em ação, o futuro em compromisso e a espera em participação. A Igreja, movida por essa esperança criadora, é chamada a testemunhar, em sua vida comunitária e missão, os valores do Reino, como a justiça, a paz, a misericórdia e a reconciliação, tornando-se expressão antecipada da nova criação. Em lugar de uma escatologia dualista e desencarnada, surge uma visão integral da redenção, que abarca corpo, história e cosmos, revelando o amor de Deus como força que sustenta e renova toda a realidade.

Portanto, viver a partir dessa escatologia é assumir uma postura ética e vocacional de amor: colaborar com o agir de Deus que reconcilia o mundo consigo mesmo. É reconhecer que o fim prometido já começou, e que cada gesto de fé, serviço e cuidado se torna semente do Reino vindouro. A esperança cristã, longe de alienar, desperta para a transformação, através de uma esperança que ama, trabalha e antecipa, no presente, a plenitude do futuro de Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

¹⁸ WRIGHT, N. T. **História e Escatologia: Jesus e a Promessa da Teologia Natural**. 1ª Ed. Rio de Janeiro – RJ: Thomas Nelson Brasil, 2021. p.321.

A reflexão proposta ao longo deste artigo buscou evidenciar que a responsabilidade do Reino inaugurado em Jesus de Nazaré exige da teologia cristã um reposicionamento ético, missionário e eclesial diante dos desafios do tempo presente. Em uma leitura escatológica baseada no pensamento de N. T. Wright, compreende-se que a igreja não deve se limitar a uma expectativa futura e desencarnada, mas assumir a sua vocação à ação concreta no aqui e agora, em coerência com a realidade do Reino já inaugurado. A ressurreição de Cristo não representa apenas o marco de um evento salvífico individual, mas o início de uma nova criação, que redefine as relações entre Deus, a humanidade e o cosmos.

Ao longo da pesquisa, tornou-se evidente que dilemas estruturais da contemporaneidade, como a desigualdade social, o racismo, o machismo e a degradação ambiental, não devem estar periféricos à fé, mas serem assumidos por uma hermenêutica que os enxergue como expressões concretas de um mundo que ainda geme aguardando a redenção (Rm 8.22). Ignorar tais clamores seria negar o caráter histórico e transformador do Evangelho. Assim, uma teologia comprometida com o Reino inaugurado é aquela que se permite afetar pelos sofrimentos humanos e ecológicos, reconhecendo neles o espaço de manifestação da graça e da justiça de Deus.

A escatologia, nesse sentido, não pode ser compreendida como mera doutrina sobre o “fim dos tempos”, mas como horizonte de sentido que ilumina o presente e mobiliza a esperança. O “já e ainda não” do Reino redefine o papel da Igreja na história: chamada a ser sinal e instrumento da nova criação, ela participa ativamente da reconciliação que Deus está realizando no mundo. Tal perspectiva desafia o imobilismo espiritual e a alienação religiosa, convocando a comunidade cristã a uma fé encarnada, que transforma a espera em engajamento e a promessa futura em responsabilidade concreta.

A partir dessa compreensão, a esperança cristã assume um caráter performativo. Isto é, ela age, cria, transforma e antecipa o futuro de Deus na história. Essa esperança não é mero otimismo humano, mas fruto da confiança na fidelidade de Deus que, em Cristo, já começou a restaurar todas as coisas. A fé escatológica, portanto, se manifesta na práxis: no compromisso com a justiça, na solidariedade com aqueles e aquelas que sofrem, na preservação da criação e na construção de comunidades que expressem, ainda que de modo imperfeito, os valores do Reino.

Dessa forma, o chamado da Igreja é para uma conversão teológica e prática, uma transformação de mentalidade que permita resgatar o centro do Evangelho - o amor de

Deus encarnado e atuante na história. Essa conversão implica repensar tradições que perpetuam distorções dualistas entre céu e terra, alma e corpo, futuro e presente. Somente uma escatologia integral, enraizada na ressurreição e na esperança da nova criação, poderá gerar uma teologia realmente consequente para o mundo contemporâneo.

Em última análise, viver sob a responsabilidade do Reino inaugurado é viver na tensão criadora entre o já realizado e o ainda esperado, entre a promessa e sua plenitude. É reconhecer que o futuro de Deus já começou, e que cada gesto de fé, justiça e amor participa da antecipação desse futuro. A Igreja, como comunidade da esperança, é chamada a testemunhar a verdade de que o Reino chegou, e a sua presença está comprometida com a transformação de tudo que acesa. Assim, a escatologia deixa de ser o ponto final da história e torna-se o princípio ativo de uma nova humanidade reconciliada com Deus e com toda a criação.

REFERÊNCIA

ALBERIGO, Giuseppe (Org.). **História dos Concílios Ecumênicos**. 1ª Ed. 6ª Re. São Paulo – SP: Paulus, 2020.

JOHNSON, Elizabeth. **El Dios Libertador: La búsqueda del Dios vivo: trazar las fronteras de la teología de Dios**. Sal Terrae, 2007.

KUZMA, Cesar Augusto. **Esperança e Performatividade: Implicações Ético-Teológicas da Escatologia**. Material Didático da Disciplina Questões Especiais Escatologia (TEO 2251). Programa de Pós-graduação em Teologia (PPG/Teo) - PUC-Rio. Rio de Janeiro – RJ, 2023.

MENDOZA-ÁLVAREZ, Carlos. **A Ressurreição como Antecipação Messiânica: Luto, Memória e Esperança a Partir dos Sobreviventes**. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 2020.

MOLTMANN, Jürgen. **O Caminho de Jesus Cristo: Cristologia em dimensões messiânicas**. São Paulo: Editora Academia Cristã; Edições Loyola, 2014.

MOLTMANN, Jürgen. **Teologia da Esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã**. 3ª Ed. São Paulo: Editora Teológica; Edições Loyola, 2005.

PACHECO, Ronilso. **Teologia Negra: O Sopro Antirracista do Espírito**. Brasília – DF: Novos Diálogos; São Paulo – SP: Editora Recriar, 2019.

PADILHA, C. René. **Missão Integral: O Reino de Deus e a Igreja**. Viçosa – MG: Editora Ultimato, 2014.

QUEIRUGA, Andrés Torres. **Fim do Cristianismo Pré-moderno: Desafios para um Novo Horizonte**. São Paulo – SP: Paulus, 2003.

ROMANI, Carlo. A Questão Ambiental no Planeta. In: Romani, Carlo; Sciarretta. **História Contemporânea II**. v. 2. Rio de Janeiro RJ: Fundação CECIERJ, 2013. Disponível em: <https://canal.cecierj.edu.br/012016/ba89c3a6133187ee0e9b8edd3b43fcf.pdf>. Acesso em: 25 de Junho de 2024.

WRIGHT, N. T. **História e Escatologia: Jesus e a Promessa da Teologia Natural**. 1ª Ed. Rio de Janeiro – RJ: Thomas Nelson Brasil, 2021.